

Neurologia

DIAGNÓSTICOS, TRATAMENTOS E CIRURGIAS

Edição XI

CAPÍTULO 12

O BRINCAR TERAPÊUTICO COMO FERRAMENTA EM INTERVENÇÕES NEUROPSICOPEDAGÓGICAS

ANA CAROLINE DOS SANTOS MORESCO¹
DALVA ELIANE ANTUNES DOS SANTOS²
ROSIMERI PINTO DOS SANTOS³

¹Discente - Ensino Médio Colégio ACM Porto Alegre - Pesquisadora voluntária.

²Pedagoga, Psicopedagoga, Mestranda em Neuropsicologia - Funiber.

³Pedagoga.

Palavras-chave: Brincar; Diagnóstico Precoce; Devolutivas; Família.

DOI: 10.59290/6092291140

P EDITORA
PASTEUR

INTRODUÇÃO

O brincar pode ser considerado, estudado e debatido sob diversas perspectivas e aprendizagens, sob a ótica da psicologia, pedagogia, psicanálise, psicomotricidade, fisioterapia, psicopedagogia, neurociência, enfim, cada área, traz diferentes olhares a cerca desse processo.

O brincar assim como a criação social, sofre do mesmo modo que a infância uma determinada cultura, perceptível na evolução dos próprios termos utilizados para designar esta atividade humana, em diferentes povos e momentos dos processos civilizatórios (FORTUNA, 2004).

Entender os processos de evolução e a existência do brincar torna-se um desafio, pois a modernidade exprime os modos de brincar, a brincadeira livre torna-se obsoleta, imprópria para os dias atuais.

O brincar é uma atividade dinâmica e simbólica a só tempo produz e é produto de sentidos e transformações (FORTUNA, 2004).

No âmbito institucional e clínico, como educadores podemos oportunizar a criança e a família, o conhecimento das emoções, pois ela está atrelada a expressão corporal ou linguagem não verbal, de modo que possa conhecer, e se familiarizar com elas, reconhecendo cada emoção e sua reação ao sentir.

O brincar como ferramenta terapêutica favorece a aproximação do profissional, junto à criança e a família, especialmente na primeira avaliação diagnóstica, pois possibilita o início do processo de vínculo, e na condução da anamnese com os pais ou responsáveis, tornando a mediação ativa e dinâmica (GRASSI, 2021).

Para Gimenes & Perrone (2020), a saúde depende, em grande parte, do meio social e físico da família, assim como da forma de vida e de seu comportamento, onde as intervenções psicopedagógicas amenizam as sensações de

desequilíbrio biopsicosocioespiritual. O valor do brincar está em brincar, e não no brinquedo ou na brincadeira, pois este é atemporal, geracional e subjetivo, tendo um papel fundamental na constituição psíquica e cognitiva da criança, embasando assim como ferramenta psicopedagógica (SEIXAS, 2020).

As maneiras de brincar, o espaço, a sociedade, o ambiente, a família, a evolução dos brinquedos, como também o acesso a eles de acordo com as possibilidades de cada família, nos mostram claramente a diversidade de situações e de como o brincar foi e continua sendo visto.

Explicar o conceito de brincar, como discute Moyles (2006), é uma tarefa difícil, visto que o significado dessa palavra é a ligação em diferentes sentidos. A autora afirma que podemos considerar o brincar “como um processo que, em si mesmo, abrange uma variedade de comportamentos, motivações, oportunidades, práticas, habilidades e entendimentos” (MOYLES, 2006).

Segundo Assumpção (2020), pensar na família contemporânea e suas relações com os brinquedos possibilita avaliar a construção social, o mundo externo e contextos inseridos em sua existência.

Dessa forma, o questionamento que move este estudo está em descobrir se o brincar terapêutico pode auxiliar como recurso de intervenção neuropsicopedagógica junto à criança e seus responsáveis?

Para tanto, este estudo tem como objetivo entender o brincar como mediador nas relações interpessoais familiares, de modo a identificar e analisar o brincar terapêutico como recurso de intervenção nos diferentes ciclos da vida e em diferentes espaços, refletindo como o brincar contribui no desenvolvimento da cura física e, ousando na cura espiritual em intervenções psicopedagógicas junto às famílias.

MÉTODO

Este estudo consiste em uma revisão narrativa da literatura, com abordagem qualitativa. Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, baseada na análise de artigos científicos, revisões sistemáticas, teses de mestrado e doutorado publicados entre 2014 e 2025.

As bases de dados consultadas foram PubMed, Scopus, e SciELO, *Scholar Google* e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) utilizando-se as palavras-chave: “brincar”, “diagnóstico precoce”, “família” “intervenções neuropsicopedagógica” e “lúdico”, totalizando 08 publicações analisadas. Relatos de caso isolados e estudos com amostras pequenas foram excluídos para garantir a confiabilidade das evidências.

Ao abraçar a angústia da família na procura de soluções para os seus anseios, o profissional simbolicamente compreende e acolhe a família, “[...] procurando criar um clima lúdico de brincadeiras e jogos em família” (SEIXAS, 2020, p. 93).

A **Figura 12.1** retrata uma família durante uma intervenção psicopedagógica. O sentar no chão remete a aproximação, ao entendimento do outro como sujeito em sua singularidade.

Figura 12.1 Família durante intervenção psicopedagógica



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e conclusões pretendem contribuir nos estudos sobre o brincar e o lúdico por meios de brincadeiras e jogos. Machado (2023), afirma que ao relatar com respeito o processo educativo da criança, abraçamos a família confortando e compreendendo que está tudo bem, lembrando que o percurso da aprendizagem tem mais validade do que o resultado.

De acordo com Serrano (2022) “brincar é a lente através da qual a criança experimenta o mundo, e o mundo dos outros. A interação da criança com adultos responsivos, em espaço adequado para brincar uma variedade de materiais adequados à sua idade”.

Por meio do brincar a família recria as reproduções de tudo o que está a sua volta, e os processos de aprendizagem são estabelecidos pela capacidade de entendimento e da estrutura cognitiva de cada indivíduo.

Superar às dificuldades de aprendizagem é um dos pilares que desafiam a Psicopedagogia na promoção da inclusão de aprendizes escolares com transtornos de aprendizagem, já que esta deve estar atrelada a acessibilidade.

A anamnese realizada por meio da escuta ativa e humanizada predispõem a otimização das respostas, regada no respeito à dignidade humana frente a sensibilidade familiar (MORO & SOUZA, 2012).

As devolutivas às famílias refletem a necessidade de exercitar a escrita de relatórios, já que estes farão o diferencial na vida emocional da criança e da família. É preciso maturidade e responsabilidade ao escrever, visto que os registros são importantes para todos (crianças, famílias e profissionais), pois possibilita avançar e retroceder no plano de desenvolvimento individual (PROENÇA, 2018).

O processo ensino-aprendizagem urge ser interativo, fazendo com que o aluno e a família

se sintam pertencentes no diálogo, criando laços de afinidade com o seu ambiente de ensino e os recursos disponíveis.

Significa assim, que o conhecimento seja mediado pelo lúcido, pelas aprendizagens afetuosas em um ambiente harmonioso e divertido, potencializando o crescimento intelectual de cada sujeito, auxiliando na formação de cidadãos críticos, autônomos e reflexivos (SEIXAS, 2020).

Meirelles (2020) afirma que abraçar as diferenças, fazer do diferente, o autêntico, explorando os diferentes tipos de linguagem, é uma oportunidade que o profissional tem para conhecer seu aluno, e assim auxiliar nas descobertas e vivências com sua família ou responsáveis.

A família como primeira promotora do cuidado, deve ser acolhida neste trabalho, incentivando e acompanhando o desenvolvimento da criança nos diversos espaços, onde a entrevista inicial é o ponto de partida (COSSIO, PEREIRA & RODRIGUEZ, 2018).

Na perspectiva de RIBEIRO (2018), o docente deve [...] “procurar compreender o que esse corpo ou esses gestos comunicam e proporcionar variadas experiências para que as crianças possam se movimentar e se descobrir.

A intervenção psicopedagógica evidencia-se entre os modos terapêuticos, tornando-se primordial para o desenvolvimento intelectual da criança ou adolescente.

O psicopedagogo, para além de investigar a raiz do fracasso escolar, orienta familiares e equipe multiprofissional, promovendo uma relação harmoniosa e salutar com vistas ao processo de ensino e aprendizagem (GRASSI, 2021).

O profissional enquanto observador necessita aguçar seu olhar e intuição, no sentido de buscar recursos e atividades que estimulem o seu interesse, colocando a criança em situações variadas de exploração e experimentação concretas

A criança em movimento capta informações e assimila aquilo que é do seu interesse. Para Molcho (2007) “a expressão corporal se amplia de acordo com o estágio de desenvolvimento da criança”.

Segundo Moyles & Souza (2014), o brincar pode ser realizado das mais diferentes formas, por meio de jogos, esporte, ginástica, danças, pinturas, teatro, ou até mesmo pelo simples ato da diversão.

Diante disso, Seixas (2020) discorre que crianças com dificuldade de adaptação a mudanças de cenário, e que sofrem com novas rotinas, representar essas situações por meio da brincadeira em família com o terapeuta pode minimizar o sofrimento.

O lúdico para Kishimoto (1997) é um aliado de todo educador, se ele compreender essa importância e for sensível para mediar o processo de aprender, possibilitará uma excelente oportunidade a criança e ao círculo familiar.

O mundo moderno trouxe junto com seus avanços novas significações e novos códigos que colocam em choque duas gerações: a geração antes (os pais) e a geração pós-tecnologia (os filhos), essa última recheada de ferramentas, argumentações e milhares de alternativas, colocando-se em choque com a família ou responsáveis, numa constante disputa por território (SITTA, 2014).

Segundo Silveira (2013) “a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não deve ser vista apenas como diversão, mas como um aprendizado”. A prática do brincar é a principal conduta de expressão na infância, tornando-se esta tarefa importante para o desenvolvimento da identidade e autonomia da criança, e está vem carregada das práticas vivenciadas na família.

Friedmann (2012) descreve que através de práticas lúdicas, não somente se abre um acesso para um universo social e hábitos infantis, mas

se depara com uma valiosa possibilidade de incentivar seu desenvolvimento.

Ao brincar o comportamento da criança se modifica, e nesses momentos o olhar do profissional durante as interações pode buscar novas possibilidades de aproximação com crianças com históricos de violência.

Para Viegas (2020) “brincar é um momento livre e de sonho, criativo, imitando ou não o que já aprendeu socialmente. É uma maneira de se conhecer a vida”.

O brincar se manifesta no núcleo familiar muitas vezes sem que os membros da família percebam, mas sempre vem embutido de significados implícitos.

É relevante analisar a forma como as crianças brincam e como se comunicam com o mundo, fazendo as suas descobertas através da prática.

A BNCC reconhece o valor social da família na promoção de um aprendizado baseado no conhecimento e experiências dos diferentes sujeitos, prevendo no campo de experiência a habilidade EF01HI06 (o eu, o outro e o nós) “conhecer as histórias da família e da escola e identificar o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços” (BRASIL, 2018).

Dentre os instrumentos que o Psicopedagogo pode utilizar nas entrevistas com as famílias, o Inventário de Estilos Parentais (IEP), criado por Sampaio e Gomide em 2006.

É um instrumento com objetivo de avaliar a dinâmica da educação pelos pais para educar seus filhos, tanto pela percepção dos filhos como dos pais (SAMPAIO & GOMIDE, 2017).

A devolutiva do IEP é um momento em que se apresenta aos pais/responsáveis ou cuidadores os resultados observados, onde o lúdico pode equilibrar na escuta e ajudar na resolução de conflitos.

A interação é um elo na construção de um relacionamento saudável, onde o tempo desti-

nado ao brincar é um tempo especial, devendo incluir uma atividade conjunta com a família.

As habilidades do programa Estratégias de Aprimoramento de Relacionamento (PRIDE) aumentam a autoestima da criança, fortalecem o relacionamento entre pais e filhos, incidem na baixa frequência de problemas de comportamento, diminuem o potencial de abuso e os problemas de ordem psicológica ou mental da criança.

O movimento do brincar é geracional, cada época traz consigo brincadeiras que acompanham o adulto para vida futura, e quando não elaborado e não vivido na infância, inibe o adulto no ato de brincar, limitando o movimento espontâneo do brincar.

Assupção (2020) infere que “[...] seja o brincar simbólico, o jogo de regras, jogo de construção, grafismo, como atividade lúdica ou qualquer outra forma, permite aos pais o descobrimento e a interação e a participação no mundo infantil”.

Tratando-se das crianças, em especial dos bebês em que seus primeiros movimentos estão em constante amadurecimento e evolução, todo estímulo possibilita novas percepções, perceber o ambiente ao seu redor, despertando sentimentos e curiosidades.

Molcho (2007) “um bebê busca movimento, pois mobilidade significa informação, mudança. Toda mudança, entretanto, promete acontecimentos, novas situações. Trata-se de uma dinâmica na qual o novo é descoberto”.

Os pais que não brincam com seus filhos, segundo Assumpção (2020) “[...] não os conhecem e, possivelmente, interagem mal com eles”. Durante a entrevista, o papel do brincar em família e a interação com a criança pode revelar comportamentos velados que podem ser trabalhos durante as intervenções psicopedagógicas.

Vygostky (2007) destaca o papel do brincar na estrutura do conceito infantil, pois é brincando, jogando, que a criança mostra seu modo cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor e seu modo de aprender e entrar em uma conexão com o mundo de eventos, pessoas, coisas e símbolos.

Segundo Vygostky (2001) "o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento".

Na interação e na brincadeira podemos observar: atenção, cooperação, respeito, paciência, interação, lateralidade, promovendo o exercício do raciocínio lógico, a capacidade de planejar estratégias, antecipar ações, avaliar possíveis jogadas do oponente, assim como preparar-se para ela, e ao propor essa dinâmica à família ou aos responsáveis, oferecemos a eles a oportunidade de recriar a sua criança interior.

Assumpção (2020) entende que para mediar o jogo é necessário promover a aproximação e o distanciamento no encontro com as crianças, adolescentes ou adultos, permitindo assim na convivência, reinventar papéis, respeitando o modo de agir e de pensar.

Conforme o pensamento de Vygostky (2007) as experiências vivenciadas quando mediadas por um agente, deslocam-se de um plano para outro, mudando o sentido e reinventando seu significado.

No estudo realizado por Vendruscolo (2014) com um grupo de 16 crianças entre 21 e 26 meses e seus pais, comparando a relação entre o brincar e o risco psíquico com possibilidade de intervenção precoce, apontou que 50% das crianças apresentaram risco de desenvolvimento cognitivo, e destes apenas 25%, os pais aceitaram intervenção precoce para distúrbio de linguagem.

Em qualquer tipo de brincadeira, a busca de algo que proporcione a perspectiva de agir, criar

e modificar comportamentos daqueles com se convive.

Assumpção (2020) propõem projetos voltados para o cuidar de crianças em ambientes de promoção de saúde mental, onde busca compreender como as dificuldades e o sofrimento dos atendidos possam ser minimizados no enriquecimento brincante familiar de seus repertórios em família.

Segundo Silva & Furtado (2020), o lúdico é um importante aliado no resgate da autoestima de crianças com deficiência. Entender o brincar como mediador no desenvolvimento da linguagem na infância compreendendo a relevância da interação durante o brincar na socialização de crianças com TEA são metas a serem exercitadas junto a outras crianças, a comunidade e as famílias (MORO & SOUZA, 2012).

Silva & Furtado (2020) afirmam que a mais sucinta das brincadeiras desperta o interesse e a imaginação da criança, despertando lembranças agradáveis que oferecem momentos de felicidade e bem-estar, favorecendo o encontro da criança e sua liberdade emocional.

A consideração do brincar intergeracional é essencial durante a entrevista com os pais, particularmente se este aspecto estiver sendo negligenciado pelos responsáveis.

CONCLUSÃO

Enquanto brinca a criança, adolescente e o adulto, pois brincar não tem idade, além de ser uma dinâmica que integra corpo, símbolos e regras, combinação responsável por sua inserção no mundo histórico e no mundo cultural.

Compreender a melhor forma de interagir e abordar a família por meio da brincadeira na aproximação e formação do vínculo, na honestidade das respostas, e na assertiva das intervenções, são estratégias que possibilitam novas modalidades de comunicação.

Interpretar as falas simbólicas implica em analisar diversos ângulos, conceitos, emoções e a própria evolução contemporânea, colocando-se na posição de escuta aos novos arranjos familiares.

Assim percebemos que o brincar não é somente diversão, mas também um momento de aprender coletivamente, onde a emoção pode trazer sentimentos bons, como angustiantes, cabendo ao psicopedagogo mediar reações inesperadas.

Atividades que apresentam a ação motora, especialmente com crianças pequenas que demandam muitos movimentos do corpo, o brincar no chão pode aproximar o terapeuta da criança e da família, quebrando a barreira física e emocional, viabilizando a socialização e a interação.

A melhor forma de aprender é na prática, e dessa forma cada brincadeira apresentada às crianças deve ter um objetivo, e quando direcionada, auxiliará na formação da personalidade, despertando como hábito a coletividade, o trabalho em equipe, a generosidade, a honestidade, e outras qualidades que poderão ser despertadas.

Mediar esses sentimentos de impotência diante de uma crise é um desafio. Manter a calma, contornar a situação e manter os outros calmos é uma virtude que poucos profissionais demonstram, já que crianças com TEA são suscetíveis a mudanças, onde essa ruptura pode afetar o comportamento e ser um gatinho para crises que podem ser gritos, choro e atitudes agressivas ou autolesivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUMPÇÃO Jr., F. B. O brincar e a psiquiatria da infância e da adolescência. In: GIMENES, B. P.; PERRONE, R. (orgs.). Ludicidade, saúde e neurociências: visão contemporânea do brincar a partir de histórias de vida. v. 1. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 02/06/2025
- COSSIO, A. P.; PEREIRA, A. P. S.; RODRIGUEZ, R. C. Benefícios da intervenção precoce para a família de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. *Revista Educação Especial*, v. 31, n. 60, p. 9–20, 2018. doi:10.5902/1984686X28331.
- FORTUNA, T. R. Vida e morte do brincar. In: ÁVILA, I. S. (org.). Escola e sala de aula: mitos e ritos. Porto Alegre: UFRGS, p. 47–59, 2004.
- GIMENES, R.; PERRONE, B. P. (orgs.). Ludicidade, saúde e neurociências: visão contemporânea do brincar a partir de histórias de vida. v. 1. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.
- GRASSI, T. M. Intervenção psicopedagógica: desatando nós, fazendo laços. Curitiba: Intersaberes, 2021.
- KISHIMOTO, T. M. (org.). Jogos, brinquedo, brincadeira e a educação. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- MEIRELES, N. X. O brincar como dispositivo clínico: intervenções com famílias. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- MORO, M. P.; SOUZA, A. P. R. de. A entrevista com os pais na terapia do espectro autístico. *Revista CEFAC*, v. 14, n. 3, p. 574–587, 2012. doi:10.1590/S1516-18462011005000075.
- SAMPAIO, I. T. A.; GOMIDE, P. I. C. Inventário de Estilos Parentais (IEP) – Gomide (2006): percurso de padronização e normatização. *Psicologia Argumento*, v. 25, n. 48, p. 15–26, 2017. doi:10.1590/S1413-82712007000100015.
- SERRANO, P. Brincar, desenvolvimento, saúde e bem-estar na primeira infância! In: KISHIMOTO, T. M.; VIEGAS, D.; TEIXEIRA, S. R. de O. Tratado da Brinquedoteca Hospitalar: humanização, teoria e prática. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.
- SILVA, V. S. D. da.; FURTADO, I. C. C. O lúdico como recurso metodológico na inclusão de alunos com deficiência intelectual no Ensino Fundamental. *Revista Educação Pública*, v. 20, n. 20, 2 jun. 2020. doi:10.22533/at.ed.35620170116.
- SILVEIRA, T. S. da. Práticas de ensino para deficiência intelectual: educação física, arte e ludicidade. Indaial: Uniasselvi, 2013.
- SITTA, V. O. M. O brincar na diversidade das famílias: análise da narrativa de familiares sobre o brincar. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.48.2014.tde-02102014-154501.
- VENDRUSCOLO, J. F. O brincar de sujeitos com risco psíquico: um olhar interdisciplinar. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- VIEGAS, D. A ludicidade e o humanismo na saúde. In: GIMENES, B. P.; PERRONE, R. (orgs.). Ludicidade, saúde e neurociências: visão contemporânea do brincar a partir de histórias de vida. v. 1. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.